

DOMINGO DE PÁSCOA

31 DE MARÇO DE 2024

ISAÍAS 25.6-9

O Banquete de Yahweh

Tradução

⁶E Yahweh dos Exércitos fará para todos os povos, neste monte, um banquete de farturas, banquete de vinhos envelhecidos; farturas cheias de tutano, vinhos envelhecidos refinados.

⁷E ele engolirá, neste monte, o véu que cobre todos os povos, o manto que está colocado sobre todas as nações.

⁸Ele engolirá a morte para sempre, e enxugará o Senhor Yahweh as lágrimas de todos os rostos.¹ E a desgraça do seu povo estará removendo de sobre toda a terra – de fato, Yahweh o disse.

⁹E se dirá naquele dia: veja! Este é nosso Deus, em quem esperamos, e ele nos salvou; este é Yahweh, em quem esperamos: alegremo-nos e exultemos na sua salvação.

Notas Textuais

וְעָשָׂה יְהוָה צְבָאוֹת – “E Yahweh dos Exércitos fará”: a perícope em questão insere-se no contexto maior do oráculo do juízo universal de Yahweh iniciado no capítulo 24. Esse oráculo abre com a declaração (24.1): “veja! Yahweh está para devastar a terra e destruí-la, revirar sua face e dispersar seus habitantes” e segue com o anúncio da visitação apocalíptica de Yahweh. Os versos 7-12 focalizam a

¹ Notar o contexto em que é citada essa passagem em Ap 21.7: precisamente o da descida do “tabernáculo de Deus” entre os homens. A destruição da morte, pois, é consequência da união da humanidade com Yahweh, que acontece no corpo do Verbo encarnado – no qual somos inseridos pelo Batismo e que recebemos na Eucaristia.

concretização do juízo divino em uma cidade específica, chamada “cidade da desolação”, cuja identidade é difícil precisar, mas que trata-se, aparentemente, de uma cidade que personifica, tipifica, a oposição à Jerusalém. A partir do v. 13, ocorre o retorno à perspectiva universal (cf. “entre todos os povos”), proclamando que, desse juízo, emergirá um remanescente, que não se reduz à Israel, mas abrange o “orientes”, “ocidente” e “as ilhas do mar” – linguagem tipicamente universalista. Esse remanescente se alegrará, e proclamará a glória de Yahweh (v.14-16).

O capítulo 24 segue, de 16b-23, com a descrição do juízo escatológico, em que a visitação de Yahweh estabelece a justiça e abala os fundamentos do cosmos. Finaliza, então, com a importante declaração de que a causa de tudo isso é o fato de que “reina Yahweh ‘no Monte Sião’” (v.23) – a significância disso será abordada adiante. No capítulo 25, o oráculo apocalíptico é sucedido, então, por um poema de louvor, que inicia de forma um tanto abrupta, em que o profeta exalta a execução dos “desígnios divinos”: a destruição dos opressores (“cidade fortificada”, “cidadela dos estrangeiros”, “nações tirânicas” vss. 2-3) e o resgate do oprimido (“refúgio para o fraco e indigente” v.5). Esse duplo resultado da ação de Yahweh, a saber, resgate e destruição, precisa necessariamente ser observado à luz do “reina Yahweh ‘no Monte Sião’” (v.23).

O v.6, então, introduz a sessão em prosa que demarca o fim do poema de louvor a Yahweh iniciado em 25.1, que estende-se até ao verso 5. Fica evidente a diferença de estilo ao comparar essa sessão com os cinco versos precedentes: Is 25.1-5 é composto com um estilo marcadamente poético, com seus paralelismos e, somado a isso, algo que salienta ainda mais a distinção entre as duas sessões é a mudança do endereçamento da segunda pessoa “tu” (v.1) para a terceira “ele” (“ele fará”).

לְכָל־הָעַמִּים – “Para todos os povos”: O termo plural “povos” (*amim*), que por vezes está em paralelo com “nações” (*goim*) designa, essencialmente, todos aqueles povos que não são Israel, o povo da aliança. Em Isaías, juntamente com a condenação da iniquidade de Jerusalém, é frequente o anúncio da salvação

universal que abre-se “à todos os povos”, em que Yahweh reúne e atrai para si as nações no seu templo/monte, e a acolhe o louvor e sacrifícios desses povos e nações que antes estavam dispersos e alheios à sua presença (56.7,8; 60.3-7; 60.19). No Novo Testamento, essa perspectiva realiza-se em inúmeros lugares, de modo bastante explícito na grande comissão de Mateus 28, em que o Senhor comissiona os apóstolos a discipularem “*panta ta ethne*”, todas as nações: a salvação abriu-se ao mundo. Também em Lucas-Atos, o testemunho de Jesus sairá *de* Jerusalém *até* os confins da terra. No Quarto Evangelho encontra-se o tema da reunião da humanidade nas palavras do próprio Senhor: “a fim de que todos sejam um, como nós somos um” (17.22). A morte do Senhor também é dita tendo como finalidade “congregar na unidade todos os filhos de Deus dispersos” (11.52). Em Paulo, a tensa relação entre judeus e gentios também encontra sua unidade na reconciliação efetuada “num só Corpo” (Ef 2.16) – Corpo de Cristo, o qual, curiosamente, é o novo templo (cf. Is 56.7).

בְּהָרֵי הַיְהוָה – A expressão “neste monte” refere-se, indubitavelmente, ao “monte Sião”. Em Isaías, bem como no resto do AT, o “monte” é o lugar da presença e habitação divina: “[...] montanha, tua herança, lugar onde fizeste, Yahweh, tua *residência*, o santuário, que tuas mãos prepararam” (Êx 15.17; Cf. Sl 46.5 48.1-4; 50.2; 68.17; 76.2; Is 8.18). Sinai é dito ser a “montanha de Deus” (Êx 3.1; 18.5; 24.13), o lugar onde Israel presta culto (Êx 3.12), assim como Sião é o lugar “escolhido por Deus”, sua “residência própria”, “meu repouso para sempre” (Sl 132.13-14). Montanhas, ademais, estão intimamente relacionadas com santuários, não só geográfica – visto santuários serem construídos em montes –,² mas também teologicamente: são o lugar da presença de Deus. Por isso, em Isaías, o “monte de Yahweh” é um equivalente de “casa de Yahweh” (Is 2.2). A teofania sinaítica, nesse sentido, não foi um evento isolado, uma vez que a presença, a teofania de Yahweh, continuava a acontecer no santuário. Assim como no Sinai houve o culto arquetípico (Êx 24), a presença “sinaítica” de Yahweh continuou no

² Os “montes” são lugares sagrados no AOP, onde também os cultos idólatras acontecem (Cf. Is 57.7). Nas fontes deuteronômistas, esses espaços de culto não autorizado são chamados de “lugares altos” (Dt 12.2; 1Rs 3.2; 13.31-33).

tabernáculo e, mais tarde, no templo, sendo acessada diariamente na liturgia de Israel. O tabernáculo, portanto, funcionava como um “Sinai portátil”, de modo que a presença divina do Sinai era “portada” até assentar-se definitivamente em Sião, o monte de Deus: “o Sinai está no santuário” (Sl 68.18). Assim, a montanha (Sião) e o seu templo, são o lugar da presença, da teofania de Yahweh, do seu reinado (Sl 99. 1-2; 110.2; Is 24.23). Contribui ainda para essa perspectiva toda, o fato de o próprio Éden ser descrito como a “montanha de Deus”, contendo “santuários” (Ez 28.13-18). Não é estranha essa conexão, uma vez que o templo é compreendido como uma replicação do Éden.³ Existe, portanto, um

³ A criação em Gn 1-2 é descrita em termos que são análogos aos posteriores santuários israelitas. Em primeiro lugar, pode-se notar a questão do *shabat*, do descanso. No AOP, divindades descansam em templos: esse é o lugar do “seu descanso”. E essa concepção é replicada na Bíblia Hebraica, que refere-se ao templo como sendo o lugar de “repouso” de Yahweh. O Sl 132. 7-8,1 3-14 descreve o templo como sendo o local onde Yahweh tem o seu “repouso” (Cf. Is 66.1-2). É instrutivo o fato de Êx 20.11 aplicar o mesmo verbo para designar o “repouso” de Deus tanto no sétimo dia da criação como no tabernáculo. Assim, a mesma atividade/estado (descansar, repousar) pertence tanto à relação de Deus com o sétimo dia da criação quanto com o tabernáculo. Isso significa, então, não que Yahweh estava cansado ao sétimo dia, mas sim que “habitou”, “repousou” no seu santuário, o mundo. Além do aspecto do descanso, existem outras características de Gn 1-2 que espelham a construção do tabernáculo. Pode-se citar por primeiro, aqui, o fato de a construção do tabernáculo ser comandada mediante sete discursos, espelhando os dias da criação (Êx 25.1; 30.11, 16, 22, 34. 31.11, 12). Inúmeros paralelos entre o éden e santuários tem sido fornecidos por estudiosos. Wenham cita os seguintes:

1. YHWH anda (*halak*) no éden assim como o faz posteriormente no tabernáculo. Gn 3. 8: “Quando ouviram a voz do SENHOR Deus, que andava [*halak*] no jardim”; Lev 26.11-12: “Porei o meu tabernáculo no meio de vós, e a minha alma não vos aborrecerá. Andarei [*halak*] entre vós e serei o vosso Deus” (ver: 2Sm 7.6-7).
2. Tanto o Éden como santuários posteriores possuem sua entrada pelo lado leste, e são guardados por querubins. (Gn 3.24; Êx 18-22, 26.31; 1Rs 6.23-29).
3. A menorah possivelmente simboliza a árvore da vida, especialmente em vista da sua descrição arbórea (Gn 2.9, 3.22; ver: Êx 25.31-35).
4. O rio que sai do éden (Gn 2.10) assemelha-se à Ez 47.1-12, na sua descrição do rio que flui do templo escatológico. Também o Sl 46.4 fala do “rio cujas correntes alegam a cidade de Deus, o santuário das moradas do Altíssimo”. Apocalipse 22. 1-2 menciona o rio que flui do “trono de Deus e do Cordeiro”.
5. Ouro e ônix (Gn 2. 11-12) são extensivamente utilizados para a decoração dos santuários (Êx 25.7, 11, 17, 31).

Tendo isso em vista, nas palavras de Wenham: “O jardim do Éden não é visto pelo autor de Gênesis simplesmente como um pedaço de terra mesopotâmico para cultivo, mas como um santuário arquetípico, que é um lugar onde Deus habita e onde o homem deve adorá-lo”. Assim, a partir de uma leitura retroativa – que considera os paralelos acima – o resto da literatura bíblica informa como deveríamos enxergar o éden: um santuário, habitação de Deus com os homens, à semelhança do tabernáculo, do templo salomônico, do Verbo encarnado e da Jerusalém escatológica. Além desses paralelos estruturais, existe uma impressionante relação concernente à função dada ao homem no Éden. É dito que a sua função era “cultivar e guardar”, em Gn 2.15. Esses dois verbos *abad* e *shamar*, quando usados separadamente podem ter uma variedade de conotações. Entretanto, o seu uso conjunto é empregado para descrever exatamente a atividade dos levitas no tabernáculo. As seguintes passagens atestam esse sentido: “e cumpram [*shamar*] seus deveres para com ele e para com todo o povo, diante da tenda da congregação, para ministrarem [*abad*] no tabernáculo. Terão cuidado [*shamar*] de todos os utensílios da tenda da congregação e cumprirão o seu dever para com os filhos de Israel, no ministrar [*abad*] no tabernáculo” (Nm 3.7-8). Também: “porém ajudarão aos seus irmãos na tenda da congregação, no tocante ao cargo deles [*lishmor mishmeret abodah*]; não terão mais serviço. Assim farás com os levitas quanto aos seus deveres” (Nm 8.26; ver: 18.5-6). Desta sorte, lido de modo retroativo, isso implicaria que a função e propósito último do homem no éden vai além da de ser um simples jardineiro. Seu propósito seria maior. Isto é, se tal leitura estiver correta, então o homem possui essencialmente um papel sacerdotal, um propósito litúrgico, como

entrelaçamento desses três conceitos: templo, Éden, e montanha⁴. Todos eles, numa compenetração recíproca, transmitem o lugar da presença de Deus e da comunhão perfeita do homem com esse. Destarte, o tema da “montanha/templo” está densamente carregado, e transmite o lugar da presença, do reinado, e comunhão.

De forma mais imediata, em Isaías, o “monte/templo” é o palco da ação de Yahweh: é para onde povos e nações afluirão (2.2,3), para onde voltarão os redimidos (35.10; 51.11) é de onde sairá a Instrução, é onde Yahweh reina (24.23) e estabelece seu juízo (31.9), e onde reunirá os estrangeiros (56.7-8). O texto em estudo ainda acrescenta um outro acontecimento que tem como ambientação o monte/templo: é onde Yahweh fará um banquete e onde destruirá a morte (Is 25.6-8). Dada essa brevíssima revisão do tema do monte, é preciso salientar a sua altíssima complexidade. O “monte/templo de Yahweh/Sião” constitui-se ambiente de inúmeros eventos salvíficos e de julgamento, em que realidades históricas e escatológicas entrelaçam-se. Relaciona-se com (1) a volta concreta dos exilados de Israel, que retornam à Sião histórica; (2) a execução do juízo divino por meio da destruição de Jerusalém/Sião; (3) a execução do juízo e salvação divinos executados por Cristo em Sião/Jerusalém, mediante a cruz; (4) o retorno à Sião escatológica no último dia⁵. Todas esses estratos de significado compenetram-se mutuamente e precisam ser discernidos, sem necessariamente separados.

Além da densa complexidade veterotestamentária desse tema do “templo/monte”, é preciso considerar a sua transposição para a realidade neotestamentária. Com a encarnação do Verbo, o seu corpo passa a ser o “templo

se fosse um levita arquetípico. Suporta ainda mais essa tese o fato de a palavra “imagem” *zelem*, empregada em Gn 1 é a mesma usada para designar os “ídolos” contidos dentro dos *templos* pagãos (2Rs 11.18; 2Cr 23.17; Ez 16.17; Am 5.26). A imagem aqui proposta seria de que o homem é a “imagem” de Deus no “templo do cosmos”. Para um aprofundamento, Cf. WENHAM, 1985; BALE, 2014; LEVENSON, 1987; WEINFELD, 1981; WALTON, 2009.

⁴ Os “lugares altos”, “colinas elevadas”, locais de culto idólatra, são descritos como tendo características afins àquelas de um jardim: “sob terebintos” (Is 57.5) “sob árvores verdejantes” (Dt 12.2; Is 57.7), “sob árvores frondosas” (1Rs 14.23; Jr 3.6), “árvore verdejante” (2Rs 16.4; 17.10, Jr 2.20; Cf. Ez 6.13). Aqui fica explícita a interconexão entre santuários cultuais, montes, jardins do ponto de vista veterotestamentário. Na Ugarit antiga, por exemplo, o monte Zafon (SI 48.2; Is 14.13) era o lugar do templo, da habitação, de Baal (CLEMENTS, 1965, p.3).

⁵ Importante notar que a Igreja, no presente, encontra-se já no “Monte Sião” (Cf. Hb 12.22).

de Yahweh”, sua “tenda” (*eskenosen* Cf. Jo 1.14), lugar da sua presença, da comunhão entre Deus e o homem, que é oferecido sobre o “monte”, executando juízo, salvação, e reinado, em um único ato. Nesse Corpo, que é o novo templo, a morte é “engolida” (Is 25.8), nele todas as nações são recolhidas e trazidas de volta para Deus, e esse mesmo Corpo também constitui o próprio banquete – o Corpo e o Sangue do Messias – descortinando-nos, assim, a aguda convergência de todas as coisas *nele* (Ef 1.10).

מִשְׁתֵּה שְׁמָנִים מִשְׁתֵּה שְׁמָנִים – “banquetes de farturas, banquete de vinhos envelhecidos”: literalmente, traduz-se por “banquete de gorduras”. O termo “*shemen*” designa “gordura, óleo”, servido geralmente como figura para “abundância, fartura” – daí a tradução literária escolhida. O termo “*mishteh*”, derivado do verbo “*shatah*: beber”, designa, de modo geral, um “banquete”. No AT esse termo não carrega consigo conotações intrinsecamente positivas ou negativas, sendo essas definidas pelo seu contexto imediato: pode significar um banquete para dissoluto entretenimento por parte daqueles que desprezam a Yahweh (Is 5.12); um banquete oferecido pelo rei (Es 2.18); um banquete para comemorar algum acontecimento específico (Gn 21.8) etc. Em Isaías, o termo aparece somente no texto em questão, duas vezes, e em 5.12, como mencionado. No presente caso, esse “banquete de farturas” designa as bênçãos messiânicas, e possui como ambientação “este monte”, isto é, Sião.

בְּהָר הַזֶּה – Essa expressão ocorre novamente no v.7, agora designando o lugar onde a morte e o “véu que cobre as nações” serão “engolidos”. Considerando o contexto mais imediato da passagem em estudo, que compreende desde o cap. 24, fica evidente que “o monte” é, então, o palco de três eventos: do reinado de Yahweh (24.23), do oferecimento do banquete (25.6), e da destruição da morte e do véu que cobre os povos (v.7).

פְּגִי־הַלֹּטוֹ הַלֹּט עַל־כָּל־הָעַמִּים – “o véu que cobre todos os povos”: O substantivo “*lot*” é um *hápax* que, por sua forma verbal, e posição paralela com “*masekha*”, denota “algo que cobre”, uma “cobertura, véu”. Dado o contexto de destruição da morte (v.8), BDB sugere que essa expressão, a união de “*lot*” com “*masekha*”, designa um manto de luto, um símbolo de sofrimento.

וַיִּמְחָה אֱלֹהִים יְהוָה דְּמַעְתָּהּ מֵעַל כָּל־פְּגִיִּים – “e enxugará o Senhor Yahweh as lágrimas de todos os rostos”: esse é o resultado da obra que Yahweh executará sobre “este monte” – a consolação dos povos. Essa mesma fraseologia é recuperada por São João em sua Revelação e é inserida no contexto da descida do “tabernáculo de Deus” para fazer morada com os homens (Ap 21.7). Essas palavras recebem sua concretização escatológica na reunificação entre os céus e a terra, com a descida de Jerusalém sobre a terra.

Articulação teológica

Essa profecia de Isaías, conforme já dito, encaixa-se dentro da categoria “messiânico-escatológica”. A partir da ressurreição de Cristo, esse oráculo de Yahweh permite-nos enxergar o Calvário com outras lentes, isto é, apresenta-nos uma imagem “teológica” daquele evento de morte. Revela, em primeiro lugar, que tanto o juízo quanto a graça de Deus estão manifestadas naquele ato de auto entrega do Verbo encarnado. Segundo, que é precisamente pela crucificação, “naquele monte”, que Yahweh reina. Terceiro, que é na entrega do seu Corpo à morte, que nosso Senhor “engole a morte” a partir da sua ressurreição. Quarto, que é nesse Corpo, o novo templo, que as nações todas são reunidas, incorporadas, e oferecidas a Deus. Quinto, o Corpo do Messias é o próprio banquete preparado no monte, e distribuído nos altares da sua Igreja, que também é o seu Corpo. Pela participação no seu Corpo, que ele oferece no pão eucarístico, os “muitos de nós” somos feitos “um só Corpo”, porque todos participamos de um único pão. Assim, a Igreja, que entrou para o Corpo de Cristo

no Batismo, recebe esse mesmo Corpo e nele é transformada: é templo e sacrifício de Cristo a Deus – seu Corpo. Assim, Yahweh recolhe todas as nações num único templo, o Corpo do Verbo encarnado, e os próprios povos (Cf. Rm 15.16), por tornarem-se “corpo de Cristo”, isto é, sacrifício, são feitos oferta a Yahweh, cumprindo, assim, o oráculo de Is 66.20. Sexto, é nessa união com Cristo no Batismo, ao seu Corpo crucificado e ressuscitado que, somos (1) crucificados e mortos para o pecado, e (2) feitos participantes da sua ressurreição. Pela união a ele, recebemos o perdão dos pecados, somos regenerados, e começamos a viver a vida da ressurreição já aqui.

Relação com as leituras

O evangelho do dia é Mc 16.1-8, e possui a tarefa de estabelecer o fato histórico da ressurreição que, por sua vez, é interpretado e aprofundado pelos outros textos, especialmente o da profecia em questão. A epístola, 1Co 15.1-11 nos anuncia que a Ressurreição é o “Evangelho” que nos foi transmitido e o qual recebemos. Esse evangelho chega a nós a cada culto, onde a realidade da ressurreição de Cristo faz-se presente nas nossas vidas: na palavra que ouvimos, na absolvição que recebemos, no contato com o Corpo e Sangue ressuscitados de Cristo. Significa que a ressurreição não é um evento exclusivamente passado, nem exclusivamente futuro. É um evento presente! A primeira ressurreição já aconteceu: Cristo. E é ele mesmo que encontramos a cada culto. O Salmo, por sua vez, pela realidade da Ressurreição de nosso Senhor, encontra o seu definitivo e profundo sentido: “não deixarás minha alma no Xeol, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção”. Essas palavras realizam-se no despertar da morte do Senhor, o real poeta desse salmo. Pela nossa união com ele, contudo, essas palavras também tornam-se a nossa oração, porque, com ele, “não seremos deixados na morte!”. Por fim, o relato da ressurreição oferece-nos a chave para o Calvário ser visto como o momento em que a morte é “tragada”, “engolida”, como proclama a profecia. E, dessa forma mesmo, naquele monte, com a destruição da

morte, o véu de luto que cobre os povos foi removido. Por meio do oferecimento do messias “no monte”, agora as nações todas foram recolhidas a Deus por meio da participação no seu Corpo, o novo templo. Assim, a Igreja já está reunida com Deus, tem chegado ao monte Sião (Hb 12.22) e, ao mesmo tempo, aguarda a chegada da Jerusalém celestial quando, em definitivo, o Senhor enxugará todas as lágrimas (Ap 21.7). Por isso, hoje é dia de dizer: “Veja! Este é nosso Deus, em quem esperamos, e ele nos salvou; este é Yahweh, em quem esperamos: alegremo-nos e exultemos na sua salvação” (Is 25.9).

Rev. Bruno Hasse